

Letramento digital e combate à desinformação em uma comunidade quilombola: um relato de experiência sobre a produção de objetos digitais informativos

Alisson Valério da Silva¹, Kaike Amorim da Silva¹, Lilian Pereira da Silva Teixeira¹, Raniel César F. C. Carmo¹

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - Campus Senhor do Bonfim

Licenciatura em Ciência da Computação (LCC)

Caixa Postal 48970-000 – Senhor do Bonfim – BA – Brasil

{alissonvalerio532^{ID}, kaikeamorim2003^{ID}, whyfck^{ID}}@gmail.com,
lilian.teixeira^{ID}@ifbaiano.edu.br

Abstract. *This paper presents an experience report carried out by students from the Tutorial Education Program (PET) in a quilombola community school, aiming to promote digital literacy and combat misinformation through media education practices. Workshops addressed fact-checking, critical analysis of online information, and the creation of low-cost digital educational materials. The activities were connected to local agricultural realities, discussing fake news and online financial scams. The results indicate the development of critical thinking, digital skills, and student engagement, highlighting education as an important strategy to confront misinformation in socially vulnerable contexts.*

Resumo. *Este trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido por bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) em uma escola de comunidade quilombola, com o objetivo de promover o letramento digital e o combate à desinformação por meio da educação midiática. As atividades incluíram oficinas sobre verificação de informações, análise crítica das mídias digitais e produção de materiais educativos de baixo custo. As ações dialogaram com a realidade local da agricultura familiar, abordando fake news e golpes virtuais. Os resultados evidenciam o fortalecimento do pensamento crítico, o desenvolvimento de habilidades digitais e o engajamento das estudantes na disseminação de informações confiáveis.*

1. Introdução

Este relato descreve a experiência realizada por bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) do IF Baiano Campus Senhor do Bonfim junto a alunas da Escola Quilombola Professora Anísia Maria Rodrigues, da Educação Básica, localizada na comunidade quilombola de Tijuaçu em Senhor do Bonfim, Bahia. O foco do trabalho foi orientar duas alunas do nono ano no desenvolvimento de materiais educativos para combater notícias falsas (fake news) e a desinformação nas práticas da Agroecologia, visto que a comunidade onde a escola está inserida é uma comunidade rural e a maioria das famílias sobrevive da agricultura.

É fundamental destacar que o município de Senhor do Bonfim abriga uma das maiores populações quilombolas do Brasil, conforme apontado pelos dados do Censo Demográfico do IBGE. Nesse contexto, o distrito de Tijuçu constitui um dos territórios tradicionais mais expressivos e populosos da região. Nele, a agricultura familiar ultrapassa a dimensão da subsistência econômica, configurando-se como um pilar central de identidade, resistência histórica e reprodução sociocultural das famílias locais.

O projeto buscou unir a tecnologia à realidade local, abordando temas urgentes como golpes financeiros na internet e mentiras espalhadas sobre a agricultura familiar, que é a base do sustento de muitas famílias da região. Todo o processo de ensino e criação dos materiais teve como meta preparar as alunas para apresentarem suas produções em uma Feira de Ciências Regional (FECITEC 2025), realizada em Senhor do Bonfim, incentivando o pensamento crítico e o uso responsável das redes sociais, bem como fortalecendo pilares de compreensão relacionados à segurança na internet.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Fake news e a lógica humana da desinformação

Wardle e Derakhshan (2017) lembram que, antes de serem apenas conteúdos falsos, as fake news são construções pensadas para provocar reações rápidas (medo, a indignação e a identificação) e é justamente essa carga emocional que permite que se espalhem tão facilmente. Para eles, “a desinformação opera porque se conecta a sentimentos pré-existentes”, o que torna seu combate não apenas técnico, mas profundamente humano.

Buckingham (2019) reforça essa visão quando afirma que as pessoas compartilham notícias nas redes muito menos por verificarem fatos e muito mais por reforçarem laços afetivos e identitários. Ele argumenta que a circulação de fake news tem relação direta com “como as pessoas se veem e como querem ser vistas” nas redes. Assim, a desinformação se instala porque conversa com nossas vulnerabilidades (necessidade de pertencimento, pressa, falta de tempo para confirmar informações).

A reflexão de Virilio (1996) sobre a velocidade ajuda a compreender esse ambiente: segundo ele, vivemos em uma cultura em que “a informação chega antes da capacidade de reflexão”. Ou seja, somos pressionados o tempo todo a reagir imediatamente, e esse impulso de reação rápida cria o terreno perfeito para a desinformação florescer.

2.2 Educação midiática como espaço de leitura crítica e construção de sentidos

Para Buckingham (2003), discutir mídia na escola significa discutir relações de poder (quem fala, quem é silenciado, quem tem autoridade para construir narrativas). Ele afirma que educar para a mídia é oferecer às alunas condições de “ler o mundo e suas representações”, desenvolvendo sensibilidade para perceber intenções e influências que moldam o que consumimos.

Hobbs (2010) amplia essa compreensão ao defender que a educação midiática precisa envolver análise, mas também participação ativa. Ela argumenta que, ao produzir seus próprios conteúdos, as alunas vivenciam as escolhas que tornam qualquer mensagem persuasiva. Assim, a educação midiática ganha uma dimensão ética: ensinar

jovens a comunicar-se conscientemente, criticamente e de forma responsável nas plataformas digitais.

Livingstone (2004) complementa dizendo que o letramento midiático é fundamental para fortalecer a cidadania, pois a capacidade de interpretar criticamente informações é parte central da participação social. Ela aponta que, em um mundo marcado pelo excesso informacional, o papel da escola é ajudar as alunas a desenvolverem “critérios de seleção, contextualização e julgamento”.

2.3 Letramento digital como prática social e ética na era conectada

Lankshear e Knobel (2008) defendem que o letramento digital deve ser entendido como prática social, algo que aprendemos vivendo, interagindo e participando de comunidades digitais. Eles afirmam que as formas de ler e produzir sentido mudam no ambiente online, e que compreender essas mudanças é essencial para navegar de maneira segura.

Livingstone (2011) destaca que o letramento digital envolve habilidades avaliativas, como reconhecer vieses, comparar fontes e identificar intenções por trás das mensagens. Em tempos de desinformação, tais habilidades tornam-se parte da própria formação ética do sujeito.

Adeptos das práticas de “leitura lateral”, Wineburg e McGrew (2017) demonstram que especialistas verificam a credibilidade de uma fonte comparando-a com outras páginas, abrindo novas abas e consultando informações externas, justamente o oposto do que alunas e adultos comuns tendem a fazer. Para os autores, ensinar leitura lateral é essencial para desenvolver competências críticas de navegação e verificação digital.

2.4 Dromocracia cibercultural e a violência da velocidade na vida informacional

Virilio (1996) afirma que vivemos sob um “regime da velocidade”, no qual decisões, julgamentos e opiniões são moldados pelo tempo reduzido que temos para processar aquilo que recebemos. Essa compreensão se torna ainda mais complexa quando dialogamos com Trivinho (2007), que analisa a dromocracia cibercultural como uma condição em que a velocidade das interações digitais produz formas sutis de violência.

Para Trivinho, a "violência da velocidade" opera quando a rapidez de circulação informacional impede a reflexão e induz comportamentos impulsivos, colocando pessoas em um estado constante de urgência. Ele destaca que, nesse ambiente, “o impacto se torna mais importante que a precisão”, criando um terreno fértil para a propagação de fake news, que dependem justamente dessa aceleração.

Assim, a dromocracia não é apenas um problema técnico ou comunicacional, mas uma experiência humana marcada pela pressão contínua, pela competitividade temporal e pela sensação de que pensar devagar é quase proibido.

2.5 Comunidades quilombolas

As comunidades quilombolas surgiram como refúgio para pessoas escravizadas que conseguiram fugir de onde eram mantidas. Pereira, Serrano e Porto (2012) expressam que seus integrantes eram conhecidos como “quilombolas”, “mocambeiros” ou “calhambolas”, e que o quilombo era um núcleo de resistência próximo a locais

escravistas. Os autores continuam explicando que nem todos os quilombos eram fixos, pois existiam os móveis. Além disso, a agricultura e o comércio (por meio de trocas com grupos locais) garantiam a subsistência dessas pessoas.

A comunidade remanescente de quilombo de Tijuáçu, situada a cerca de 20 km da sede municipal de Senhor do Bonfim, carrega uma ancestralidade que remonta ao início do século XIX. A memória oral e a historiografia local apontam como desbravadora do território Mariinha Rodrigues, uma mulher negra escravizada que fugiu do Recôncavo Baiano e se estabeleceu nas matas da antiga Fazenda Lagarto — nome original da área que, no idioma indígena da região, traduz-se como Tijuáçu ("lagarto grande"). Certificada oficialmente pela Fundação Cultural Palmares em 2005, a comunidade destaca-se pela preservação de suas manifestações culturais, como o tradicional Samba de Lata, mantido historicamente pelas mulheres como símbolo de coesão social e transmissão de saberes.

3. Metodologia

O projeto foi realizado por meio de cinco encontros presenciais (dois para minicursos e três para produção) na Escola Municipal Quilombola Anísia Maria Rodrigues, situada no distrito de Tijuáçu, no município de Senhor do Bonfim, Bahia. As atividades ocorreram no contra turno escolar, com duração média de 2 a 3 horas por encontro, com foco na formação de alunas do nono ano.

Inicialmente, a abordagem pedagógica baseou-se em minicursos voltados à Educação Midiática e ao Letramento Digital. Nesses momentos teóricos, trabalhamos conceitos essenciais para o enfrentamento da desinformação, ensinando as alunas a realizarem checagem de fatos, verificação de fontes confiáveis e identificação das estruturas comuns em notícias falsas, como títulos alarmistas e URLs suspeitas. Todo o conteúdo teórico foi validado com base em checagens de agências especializadas, garantindo que a teoria estivesse alinhada com as práticas reais de combate à desinformação.

O primeiro minicurso, voltado exclusivamente à Educação Midiática, teve como foco a apresentação do conceito de “informação”, do que são as “mídias” e o que seria a Educação Midiática. Foram realizadas dinâmicas com o objetivo de ensinar de uma forma mais prática, como por exemplo, o “Jogo do algoritmo”. Um dos bolsistas fazia perguntas com duas alternativas e os participantes iam escolhendo em qual lado ficar, formando, assim, as “bolhas informacionais”, tópico importante no entendimento de como as redes sociais funcionam. Após isso, foi apresentada a definição de “informação” e uma apresentação sobre a evolução dos meios de comunicação, que serviu como base para exemplificar o que são as “mídias”, os meios de comunicação capazes de alcançar várias pessoas ao mesmo tempo. Além do “Jogo do algoritmo”, fizemos o “Fake ou Fato”. Nessa dinâmica, levamos notícias verdadeiras e notícias falsas de forma impressa, para serem coladas numa cartolina que possuía duas colunas: “Fato” e “Fake”.

O segundo minicurso teve como ênfase o Letramento Digital. Nesse minicurso, realizamos uma apresentação das partes do computador. Enquanto se falava sobre cada parte do computador, o computador também era ligado, como forma de interação inicial dos participantes. Por isso a ordem usada foi: estabilizador, gabinete, monitor, mouse e

teclado. Após passar por todas as partes e com o computador já ligado, foram apresentados o sistema operacional Windows, e também o navegador Google Chrome. Mais adiante usamos o motor de busca do Google para realizar uma busca e localizar as informações necessárias. Aproveitamos essa oportunidade para também mostrar que a busca traz uma visão geral da pesquisa, feita com a Inteligência Artificial do Google. E como forma de exercitar o pilar de “Algoritmos” do Pensamento Computacional, usamos como recurso pedagógico o jogo da travessia entre uma ovelha, um repolho e um lobo. Nesse jogo, os participantes precisavam descobrir a sequência de passos correta para fazer a travessia dos itens de um lado a outro do rio, seguindo regras específicas.

Em relação à produção dos materiais, partimos para a criação de objetos digitais de baixo custo, como tirinhas e cards informativos de fácil leitura e compreensão. Reunimo-nos com as alunas em três momentos para a confecção dos objetos digitais.

No primeiro encontro apresentamos a proposta da criação de tirinhas e/ou charges sobre agricultura familiar, além de uma tirinha que envolvia golpes na internet com links e anúncios falsos. Mostramos um vídeo de um caso bastante antigo de fake news para demonstrar que não é algo novo e como as mídias são usadas para compartilhar informações e expomos os conceitos de cada objeto que seria criado, para melhor entendimento do que seria feito.

No segundo momento, foi apresentada a ferramenta que seria usada para a confecção dos cards e também da tirinha, o Canva. Essa ferramenta é “uma ferramenta online que tem a missão de garantir que qualquer pessoa possa criar designs para publicar em qualquer lugar.” (CANVA, 2025). Com isso em mente e com a ferramenta já escolhida, passamos para a execução do que foi projetado. Foi nesta etapa que os desafios de letramento digital ficaram evidentes: apesar de compreenderem os conceitos de fake news, as alunas apresentaram dificuldades no manuseio de notebooks (uso de teclado e mouse), exigindo uma mediação técnica intensa por parte dos bolsistas do PET. Por meio do Canva, digitalizamos os desenhos feitos à mão por uma das alunas, transformando essa criatividade em materiais de conscientização sobre golpes virtuais e mitos na agricultura familiar.

O terceiro momento foi para conclusão dos objetos digitais. Nesse dia, além de concluir o que tínhamos começado, desenvolvemos uma dinâmica prática para a feira: o uso de recortes com manchetes sensacionalistas (ex.: "Semente que faz chover") contendo um QR Code. Conseguimos concluir com êxito. Após isso, usamos o aplicativo de mensagens WhatsApp para compartilhar informações sobre como seria o evento, além de planejar de forma assíncrona e síncrona via Google Meet a apresentação de suas produções na Feira de Ciências Regional.

4. Resultados e Discussão

As atividades realizadas resultaram na produção concreta de uma tirinha, cards informativos e um material impresso contendo QR Code com notícia simulada, desenvolvidos pelas próprias alunas do nono ano da Escola Quilombola. Mais do que apenas artefatos visuais, essas produções demonstraram que as alunas assimilaram rapidamente o aprendizado sobre os riscos das fake news e a importância crucial de verificar a informação antes de compartilhá-la.

O Detalhe Escondido



Figura 1. Tirinha produzida durante a atividade.

No que tange aos temas abordados, houve uma preocupação em conectar a tecnologia com a realidade local. As tirinhas focaram em golpes virtuais comuns, como fraudes bancárias, enquanto os cards desmistificaram boatos sobre a Agricultura Familiar. Essa escolha temática foi estratégica, visto que, na comunidade, diversas famílias dependem da agricultura para o sustento, tornando o combate à desinformação nesse setor uma necessidade social, e não apenas acadêmica.

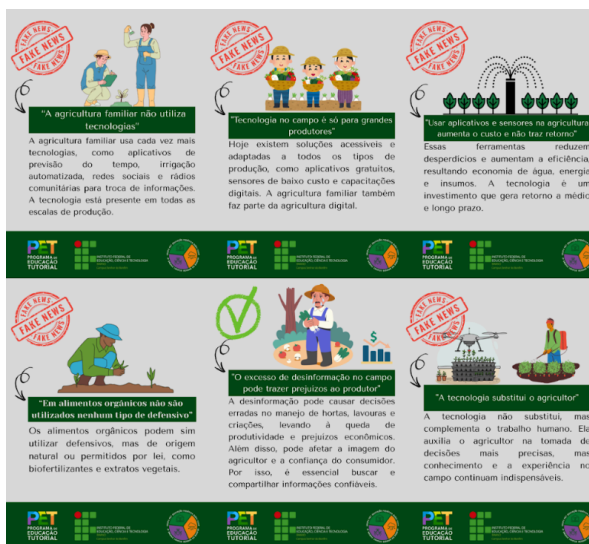


Figura 2. Cards digitais produzidos durante a atividade.

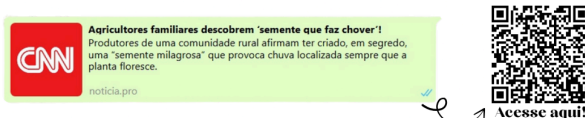


Figura 3. QR Code produzido e utilizado na dinâmica sobre fake news.

Ao escanear o código, o visitante descobria que havia caído em uma "pegadinha", uma estratégia lúdica planejada para ensinar a comunidade a reconhecer fake news na prática.

Em relação ao processo de criação, observamos um contraste interessante. Parte da tirinha foi de autoria artística das próprias alunas, que desenharam a personagem à mão, aplicando de forma prática a criatividade e os conceitos de Educação Midiática adquiridos nos minicursos que foram ministrados pelos bolsistas do Programa PET. No entanto, durante a digitalização desse material, discutimos a barreira do letramento instrumental: notou-se que, apesar de as alunas serem "nativas digitais" no uso de celulares, elas enfrentaram dificuldades significativas no manuseio de notebooks (uso de teclado, mouse e atalhos). Isso exigiu uma mediação técnica constante por parte dos bolsistas do PET para que elas conseguissem transformar suas ideias no papel em artes digitais no Canva.

Quanto à apresentação dos resultados, a participação na Feira de Ciências Regional revelou a superação de barreiras pessoais. Embora a timidez inicial fosse visível, as alunas conseguiram explicar ao público como identificar sites falsos como, por exemplo, a observação de letras trocadas em URLs suspeitas, e alertaram sobre manchetes sensacionalistas.

Esses resultados destacam que a integração entre educação e tecnologia fortalece o pensamento crítico. O projeto não apenas ensinou computação, mas contribuiu para formar uma comunidade mais informada e consciente, em que as alunas deixaram de ser apenas consumidoras de conteúdo para se tornarem agentes de combate à desinformação em seus próprios territórios.

5. Conclusão

A realização deste projeto demonstrou que a Educação Midiática e o Letramento Digital, quando aplicados no contexto específico de uma comunidade quilombola cuja principal forma de subsistência é a agricultura familiar, são fundamentais para fortalecer o pensamento crítico e o combate à desinformação.

Compreendemos que este trabalho contribuiu de forma incisiva para o letramento digital das alunas da comunidade quilombola, equipando-as com ferramentas essenciais para a cidadania no século XXI. Práticas pedagógicas como essa tornam-se urgentes no cenário atual, em que tecnologias emergentes, como a Inteligência Artificial Generativa, atuam como potencializadoras da produção de informações falsas, tornando-as cada vez mais convincentes e difíceis de detectar. Diante desse desafio, a educação reafirma-se como o instrumento mais poderoso para desenvolver o discernimento crítico necessário, permitindo que os sujeitos não apenas consumam, mas questionem e analisem a validade daquilo que circula nas redes.

Ao analisarmos o impacto da experiência, percebemos que a criação da tirinha e dos cards foi além de uma atividade escolar. As alunas compreenderam que o ato de verificar informações funciona como uma ferramenta de proteção das práticas sustentáveis e de valorização do trabalho no campo. Dessa forma, o projeto conseguiu unir a educação tecnológica aos saberes locais, contribuindo diretamente para o desenvolvimento sustentável das comunidades rurais.

Por fim, para nós, a vivência em Tijuacu reafirmou que o papel da computação na sociedade vai muito além do hardware e do software: trata-se de capacitar pessoas para que elas mesmas possam defender sua realidade e sua cultura na era digital.

6. Declaração sobre o uso de inteligência artificial

A respeito do uso de Inteligência Artificial neste trabalho, utilizamos alguns modelos disponíveis gratuitamente para geração de ideias sobre o título, revisor para correção ortográfica, coesão textual e também para diminuir palavras redundantes, sugerindo sinônimos para as palavras usadas no texto.

Os modelos utilizados foram o Gemini, da Google, e também o ChatGPT da OpenAI. Ambos foram utilizados com o mesmo propósito.

Referências

- Buckingham, D. (2003) Educação para a mídia: letramento, aprendizagem e cultura contemporânea, Polity Press, Cambridge.
- Buckingham, D. (2019) O letramento midiático de crianças e jovens, Department for Education, London.
- Hobbs, R. (2010) Letramento digital e midiático: um plano de ação, Aspen Institute, Washington.
- IBGE (2022), Censo Demográfico 2022: Quilombolas, IBGE, Rio de Janeiro.
- Lankshear, C. and Knobel, M. (2008) Letramentos digitais: conceitos, políticas e práticas, Peter Lang, New York.
- Livingstone, S. (2004) “Perspectivas críticas sobre letramentos digitais”, In: Manual internacional de crianças, mídia e cultura, Edited by K. Drotner and S. Livingstone, Sage, London.
- Livingstone, S. (2011) Crianças e a Internet, Polity Press, Cambridge.
- Miranda, C. A. S. (2018), “Memória, tradição e identidade: os quilombolas de Tijuacu-BA”, Anais do Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo.
- Pereira, M. H. F., Serrano, G. A. and Porto, A. P. B. (2012) Quilombolas e quilombos: histórias do povo brasileiro, Belo Horizonte, Rona.
- Santos, P. O. (2017), Ser Quilombola no Sertão: Tijuacu, lutas e resistências no processo de construção identitária, Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Trivinho, E. (2007) A dromocracia cibercultural: comunicação, velocidade e violência na era digital, Annablume, São Paulo.
- Virilio, P. (1996) Velocidade e política: um ensaio sobre dromologia, Semiotext(e), Nova York.
- Wineburg, S. and McGrew, S. (2017) “Leitura lateral e a natureza da expertise: ler menos e aprender mais ao avaliar informações digitais”, Stanford History Education Group, Stanford.